



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

# MASSAS

**Órgão do Partido  
Operário Revolucionário**

☎ (11) 95446-2020

www.pormassas.org

@massas.por

anchor.fm/por-massas

**Declaração do Partido Operário Revolucionário ao Grito dos Excluídos**

# **Responder à barbárie capitalista com um programa próprio da classe operária e da maioria oprimida**

**7 de setembro de 2023**

As manifestações do Grito dos Excluídos que acontecem por todo o país estão marcadas por uma situação de crise profunda do capitalismo, tanto no plano internacional, como nacional. A referência principal da crise mundial é a guerra na Ucrânia, que já dura quase 19 meses e tem deixado um rastro de mortes, de miséria e de refugiados, bem como causado o receio de que extrapole os limites da Ucrânia e afete ainda mais diretamente a Europa e o restante do mundo. A sombra de uma Terceira Guerra ronda a Europa, a Ásia e o mundo. Não se trata de alarmismo, apenas de constatar as tendências da crise. A guerra comercial dos EUA contra a China, o armamentismo crescente por parte de todos os países imperialistas, o fortalecimento da OTAN - braço armado dos EUA na Europa - os conflitos, golpes e rebeliões na África etc. são os indícios dessa possibilidade, que até agora não conta com uma resposta própria dos trabalhadores. Na América Latina, vimos o assassinato de um candidato à presidência do Equador, um novo ascenso da ultradireita aventureira na Argentina e o alinhamento cada vez mais à direita dos governos ditos progressistas, como é o caso de Boric, no Chile, que se alinhou sob as diretrizes imperialistas da OTAN, e Lula, no Brasil, com a configuração de um governo burguês, submetido à frente ampla e às oligarquias do Congresso Nacional.

No Brasil, as massas exploradas viram a substituição de um governo burguês por outro, sem que seus problemas mais sentidos, mais imediatos, tenham sido resolvidos. O desemprego segue massacrando a maioria oprimida. As eventuais quedas na taxa do desemprego são produto de um rebaixamento do valor da força de trabalho, dos salários, e das condições de trabalho. Tal redução se dá com o aumento da terceirização e da informalidade. Os salários não são suficientes para as necessidades das famílias. O número de sem-teto só aumenta. E a fome continua sendo a rotina de milhões de miseráveis.

Desde a crise de 2015/16, a classe operária vem sofrendo derrota em cima de derrota. Seja com a aprovação das contrarreformas, seja com a destruição de milhares de postos de trabalho e fechamento de fábricas. Esse processo não foi respondido à altura pelas direções sindicais, que aceitaram e negociaram as demissões. No ano passado, nos atos do Grito dos Excluídos, enquanto a maioria alimentava ilusões eleitorais nas massas, o POR estava justamente fazendo a denúncia das 3.600 demissões que ocorriam na Mercedes, no ABC. De lá para cá, a situação só piorou, já que as demissões seguiram e se ampliaram as perseguições políticas, como no caso da Volkswagen, onde nossos companheiros operários estão sendo demitidos por justa causa com pretextos fajutos. Os acidentes com mutilações e mortes acontecem quase todos os dias, como recentemente na Braskem e, agora, com a explosão em Cabreúva/SP, sem que os sindicatos façam uma campanha de defesa da classe operária, de suas condições de vida e trabalho.

A eleição do governo burguês de Lula/Alckmin se deu sobre a base de duas falsificações principais: trouxe a ilusão de que esses problemas seriam resolvidos e de que tratava de derrotar o fascismo bolsonarista. A realidade tem se encarregado de desmascarar essas falsificações. No lugar de trabalhar para resolver os problemas da maioria oprimida, o governo eleito se negou e se nega a revogar as contrarreformas dos governos anteriores: contrarreforma trabalhista, previdenciária, teto de gastos, reforma do ensino médio e lei de terceirização. Pelo contrário, aprofundou os ataques aos trabalhadores com o novo teto de gastos, chamado de “arcabouço fiscal”, a reforma tributária, o salário mínimo miserável de R\$ 1.320,00, a manutenção da política de cortes na educação e saúde etc.

A segunda falsificação, de que se tratava de “lutar contra o fascismo”, se mostra ainda mais desla-

vada. O PT, na última semana, aprovou uma deliberação que libera as alianças com o PL, partido de Bolsonaro, nas próximas eleições. O mesmo se passou em 2020, quando o PT se aliou ao PSL em mais de 130 cidades. A verdade é que as tendências fascistas, que se desenvolvem no interior da burguesia e das camadas da classe média, fruto do aprofundamento da crise capitalista, da decomposição da própria democracia burguesa oligárquica e da impotência da política conciliadora das direções do movimento, não podem ser derrotadas por meio de eleições. O campo de combate às tendências fascizantes é o da luta de classes, com mobilizações massivas e organizadas, com uma política de independência de classe.

Nos estados, a situação não é muito diferente. Em São Paulo, o governador bolsonarista Tarcísio de Freitas, do partido Republicanos (que agora faz parte do governo Lula), avança em sua sanha privatista. Pretende privatizar a água, os transportes sobre trilhos e os portos. Tudo isso, sem que se tenha levantado um grande movimento de luta contra as privatizações, que, como sabemos, só piora os serviços, amplia as demissões e rebaixa as condições de trabalho e salários. Tarcísio não parece estar preocupado com uma reação social contra suas medidas, de tal forma que aparece tranquilamente nos noticiários para defender a polícia, quando essa pratica uma chacina com 27 mortos, como no caso do Guarujá. A tranquilidade dos governos e da burguesia repousa na certeza de que as direções sindicais e políticas dos trabalhadores estão comprometidas em conter a luta das massas, para que elas não se choquem com os governos e com elas mesmas. Não por acaso, neste exato momento o PSOL e o PT não fazem outra coisa senão correrem atrás da candidatura de Boulos, quando as eleições estão distantes. Diante dessa situação no estado de SP, o POR levanta a bandeira “Abaixo o governo Tarcísio e sua política privatista!” Além de levantar as bandeiras contra a privatização, terceirização e contra a violência reacionária desse governo, para canalizar a revolta popular e impor uma resposta proletária aos problemas sofridos no estado pela classe operária e demais trabalhadores.

O Grito dos Excluídos tem a tarefa de fazer um balanço real da situação social e do papel dos governos, Federal, estaduais e municipais diante de todos esses problemas. O grande obstáculo para que a classe operária e a maioria oprimida respondam a esses problemas todos, com um programa e métodos próprios de luta, está na profunda crise de direção do proletariado brasileiro e mundial. Seus sindicatos estão estatizados e atolados até o pescoço no governismo. Estão comprometidos com a manutenção da conciliação para sustentar o governo burguês de Lula. Nesse sentido, o que se passou nos congressos da UNE, da CUT (CECUTs), além do Congresso da APEOESP, são bons exemplos de como essas direções traidoras não estão comprometidas com as necessidades dos explorados e sim com a política de conciliação de classes. Foram congressos montados para aprovar o apoio ao governo, sem responder aos

problemas mais importantes da maioria oprimida. A superação dessa situação passa por criar no interior das fábricas, empresas, escolas e universidades as oposições classistas e revolucionárias, para varrer com as direções traidoras, sejam elas sindicais, populares ou estudantis.

É certo que as massas elegeram Lula confiando em suas promessas. No entanto, diante da própria realidade, vão se descolar do governo, ao verem que Lula não só não combate as medidas antinacionais e antipopulares de Temer e Bolsonaro, mas também amplia os ataques aos trabalhadores. A maioria explorada vai perceber que esse governo não é seu. Não se trata de um governo em disputa, mas apenas mais um governo comprometido em sustentar os parasitas capitalistas. A tarefa dos revolucionários é ajudar as massas a fazerem a experiência com esse governo, mostrando seu caráter de classe e denunciando suas medidas. Está colocada a necessidade urgente de formar uma oposição revolucionária ao governo burguês de Lula/Alckmin/Haddad, para servir de expressão ao descontentamento crescente das massas.

A superação da crise de direção é uma tarefa histórica do proletariado mundial. Seu objetivo principal é a reconstrução de seu partido mundial, a IV Internacional, que foi a continuidade das conquistas revolucionárias do proletariado, o que poderá colocar no plano concreto da luta de classes a defesa da revolução e ditadura proletárias. As táticas que devem ser aplicadas pela classe operária em cada país devem estar orientadas a esse objetivo. No plano internacional, está colocada a necessidade de lutar pelo fim da guerra de dominação, pelo desmantelamento da OTAN, fim das sanções, autodeterminação, integridade territorial retiradas das tropas russas da Ucrânia, e pela paz sem anexações e sem as imposições do imperialismo. Esse é o único programa que unifica o proletariado russo, ucraniano e europeu. No plano nacional, essa luta deve ser encarnada pela defesa de um programa próprio da classe operária e dos demais explorados, que responda às suas necessidades mais sentidas e os coloque em movimento, com independência de classe e com os métodos históricos de luta, as greves, ocupações, bloqueios e mobilizações massivas. Nesta manifestação do Dia dos Excluídos, o Partido Operário Revolucionário (POR) chama as organizações presentes a defenderem que as centrais sindicais, sindicatos e movimentos convoquem um Dia Nacional de Luta, com paralisações, bloqueios e manifestações, em defesa do programa de reivindicações e que deem passos na preparação de uma greve geral. Essa é a resposta prática que o Dia dos Excluídos deve tomar, para fazer justiça às necessidades mais elementares dos pobres, miseráveis e famintos.

***Por um Dia dos Excluídos de luta de classes!  
Não à política de conciliação com a burguesia!  
Por um Dia Nacional de Luta!***